

# Arqueologia Urbana e História Local

Actas do Encontro de Homenagem a Almeida Carvalho

*Joaquina Soares (Coord.)*

# FÓRUM INTERMUSEUS DO DISTRITO DE SETÚBAL

## FIDS

---

### ALCÁÇER DO SAL

Museu Municipal de Alcácer do Sal  
Câmara Municipal de Alcácer  
do Sal

---

---

### SANTIAGO DO CACÉM

Museu Municipal de Santiago  
do Cacém / Câmara Municipal de  
Santiago do Cacém

---

---

### ALCOCHETE

Museu Municipal de Alcochete  
Câmara Municipal de Alcochete

---

---

### AMRS/MAEDS

Associação de Municípios da Região  
de Setúbal / Museu de Arqueologia e  
Etnografia do Distrito de Setúbal

---

---

### SEIXAL

Município do Seixal  
Ecomuseu Municipal

---

---

### ALMADA

Museu Municipal de Almada  
Câmara Municipal de Almada

---

---

### MOITA

Departamento de Acção  
Sociocultural  
Câmara Municipal da Moita

---

---

### SESIMBRA

Museu Municipal de Sesimbra  
Câmara Municipal de Sesimbra

---

---

### BARREIRO

Serviços Culturais  
Câmara Municipal do Barreiro

---

---

### MONTIJO

Museu Municipal do Montijo  
Câmara Municipal do Montijo

---

---

### SETÚBAL

Museu Municipal de Setúbal  
Câmara Municipal de Setúbal

---

---

### GRÂNDOLA

Serviços Culturais  
Câmara Municipal de Grândola

---

---

### PALMELA

Museu Municipal de Palmela  
Câmara Municipal de Palmela

---

---

### SINES

Museu Municipal de Sines  
Câmara Municipal de Sines

---

# FICHA TÉCNICA

## Edição

Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)  
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)  
Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)

## Direcção

Rui Garcia (Presidente do Conselho Directivo da AMRS)

## Coordenação Editorial

Joaquina Soares

## Conselho Científico

António Nabais  
Carlos Marques da Silva  
Carlos Tavares da Silva  
João Luís Cardoso  
Mário Varela Gomes  
Victor S. Gonçalves  
Vitor Serrão

## Conselho Redatorial

Antónia Coelho-Soares  
Elsa Afonso  
Fátima Afonso  
Fernanda Pinho  
Fernanda do Vale  
João Ventura  
Luís Pequito  
Lurdes Lopes  
Maria Ana Judas  
Marisol Ferreira  
Michelle Santos  
Miguel Correia  
Sandra Coelho  
Susana Duarte  
Vitor Mestre

## Secretariado e correspondência

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal  
Avenida Luisa Todi, 162 2900-451 Setúbal (Portugal)  
Tel.: +351 265 239 265 / +351 939 553 004  
E-mail: maeds@amrs.pt  
Site: www.maeds.amrs.pt  
Blog: www.maedseventosactividades.blogspot.com  
Copyright - Direitos reservados pelos autores e MAEDS.  
Interdita a reprodução de imagens.

## Capa

“Natureza Morta” (garrafaria do séc. XVIII). Foto de Rosa Nunes.

## Execução gráfica

Ana Castela  
Paula Covas

## Impressão e acabamento

Tipografia Belgráfica

## Depósito Legal

450333/18

## ISSN

1645-0553

## Tiragem

300 exemplares  
Disponível online em: <http://maeds.amrs.pt/musa.html>

Setúbal, 2018

# Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34

Setúbal Pre-existences. Archaeological excavation at Arronches Junqueiro Street, 32-34 (Setúbal)

Carlos Tavares da Silva<sup>\*/\*\*</sup>  
Antónia Coelho-Soares<sup>\*</sup>  
Susana Duarte<sup>\*</sup>

## RESUMO

Apresentação dos resultados de uma escavação arqueológica de salvamento realizada no âmbito da reedificação de lote urbano localizado na colina de Santa Maria (Rua Arronches Junqueiro, nºs 32-34). A estratigrafia identificada revelou, no estrato basal, escassos vestígios de ocupação da Pré-história recente, em posição secundária e de tipologia cronologicamente mal definida. Sobrejacente a esta camada, surgiu um piso de argila vermelha cortado por paleocanal, preenchido por sedimentos de origem coluvionar, com materiais da Idade do Ferro orientalizante. À semelhança do verificado noutras intervenções arqueológicas na colina de Santa Maria, constatou-se a ocorrência de episódios de natureza torrencial e intensos abarrancamentos anteriores à ocupação romana.

O estrato da Época Romana pertence ao Alto Império e está representado por fossas de detritos, cujo conteúdo se mostrou rico em *terra sigillata*, sobretudo sudgálica, e ânforas da forma Dressel 14, de produção local/regional que apontam para uma ocupação centrada no período flaviano. Neste contexto, são raras as ânforas de origem exógena: tipos Beltran II e Gaulesa 4, respectivamente piscícola e vinária.

O lote revelou ainda poucos vestígios de presença medieval e dos séculos XVI e XVII.

**Palavras-chave:** Idade do Ferro; Romano Alto Imperial; *terra sigillata* sudgálica; ânforas Dressel 14; Gaulesa 4; Beltran II.

## ABSTRACT

This paper presents the results of an archaeological rescue excavation carried out in the context of the rebuilding of an urban plot located on the hill of Santa Maria (Rua Arronches Junqueiro, nºs 32-34), at the historical centre of Setúbal. At the lowest layer the stratigraphy revealed some remobilized remains of occupation from the late Prehistory, without a precise typo-chronology. Overlying this layer a red clay floor was identified crosscut by a paleocanal filled with sediments of colluvial origin. That red clay pavement belongs to the Phoenician tradition and is associated with material culture of the early Iron Age. Torrential episodes and intense slope erosion, previous to the Roman occupation, occurred on the site, which was probably responsible for the destruction of most of the Iron Age archaeological deposits; this phenomenon has also been observed in other archaeological excavations on the hill of Santa Maria.

The layers of the Roman Period belong to the early Empire and they are represented by pits filled with debris and garbage, that included fragments of *terra sigillata*, mainly sudgálica, and Dressel 14 type of amphorae from local/regional production, what points to an occupation from the Flavian period. In this context, amphorae of exogenous origin are rare: Beltran II and Gaulesa 4 types, respectively for fish and wine transport.

The excavation also revealed a few materials from the Middle Age and the XVI-XVII centuries.

**Keywords:** Iron Age; early Roman Imperial occupation; *terra sigillata* sudgálica; Amphorae Dressel 14; Gaulesa 4; Beltran II.

\* - Centro de Estudos Arqueológicos – Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal | Associação de Municípios da Região de Setúbal.

\*\* - UNIARQ, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

## INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Em Março e Abril de 2008, o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, procedeu a uma intervenção arqueológica nos nºs 32-34 da Rua Arronches Junqueiro (RAJ32-34), na encosta sul da colina de Santa Maria, no centro histórico de Setúbal (38°31'25.08"N, 8°53'15.03"W) (Fig. 1), previamente à construção de um edifício projectado para esse lote urbano.

Não obstante tratar-se de uma acção preventiva realizada no âmbito de trabalhos de minimização de impactos devidos a empreendimentos privados em meio urbano, os trabalhos arqueológicos integraram-se no projecto Preexistências de Setúbal, que o MAEDS

vem desenvolvendo há largos anos.

Esta intervenção, sob a responsabilidade técnico-científica de dois dos signatários (C.T.S. e S.D.), assistidos pelo técnico de arqueologia Júlio Costa (do MAEDS), consistiu na escavação<sup>1</sup> de uma área com 25m<sup>2</sup> (Fig. 2), revelando a seguinte seqüência estratigráfica (de cima para baixo) (Fig. 3):

Camada (C.) 1A – Esp. ca. 0,03m. Pavimento de cimento (Qs. E/4-6) e tijoleiras (Qs. E7-9).

C.1B – Esp. máx. 0,03m. Sub-base do pavimento de tijoleira. Argamassa de cor amarelada.

C.1C – Esp. máx. 0,18m. Nível de regularização destinado a receber as C.1B e 1A. Entulhos grosseiros

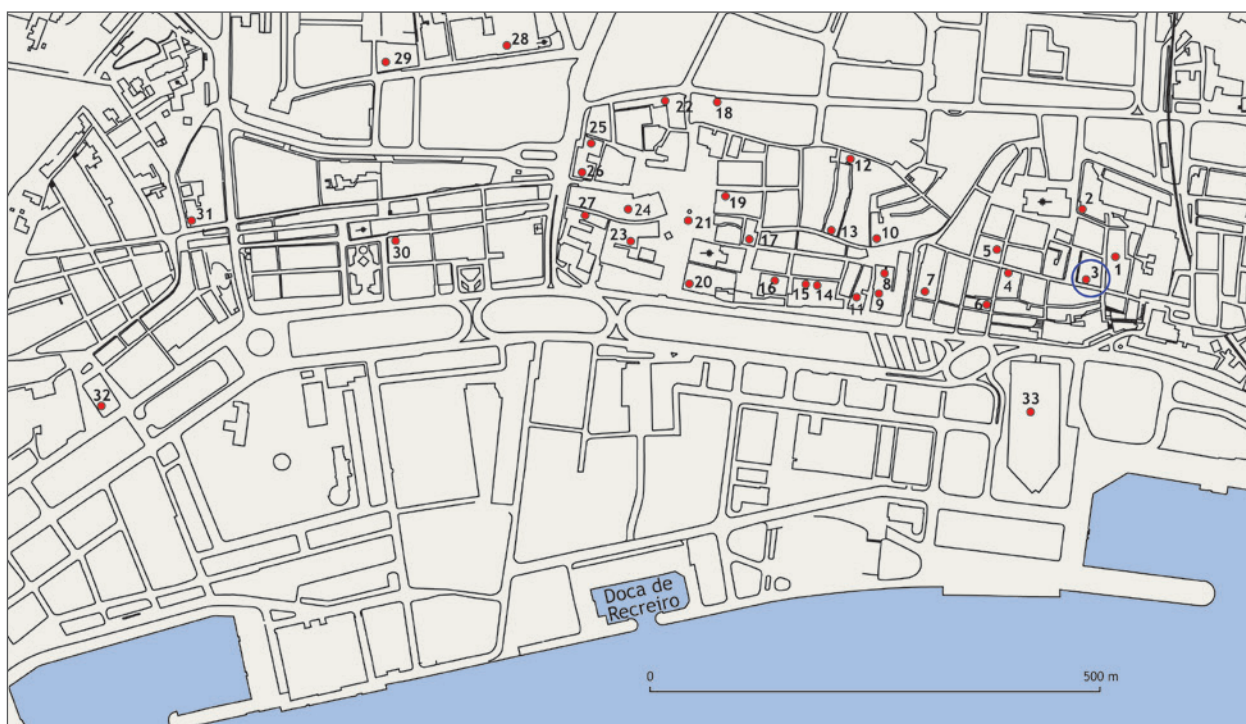


Fig. 1 - Localização da Rua Arronches Junqueiro 32-43 (n.º 3) no contexto das intervenções arqueológicas desenvolvidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, na área urbana de Setúbal: 1 - Rua Francisco Augusto Flamengo; 2 - Travessa dos Apóstolos; 3 - Rua Arronches Junqueiro 32-34; 4 - Rua Arronches Junqueiro 73-75; 5 - Rua António Joaquim Granjo; 6 - Rua António Joaquim Granjo (Casa dos Mosaicos); 7 - Travessa de João Galo; 8 - Largo da Misericórdia; 9 - Travessa de Frei Gaspar; 10 - Travessa da Portuguesa; 11 - Av. Luísa Todi (edifício BCP); 12 - Rua Major Afonso Pala; 13 - Rua Álvaro Castelões; 14 a 16 - Rua António Januário da Silva; 17 - Rua Serpa Pinto; 18 - Avenida 5 de Outubro; 19 - Rua Luís de Camões; 20 - Praça de Bocage / Av. Luísa Todi (edifício Montepio); 21 - Praça de Bocage; 22 - Largo do Sapalinho; 23 - Praça de Bocage; 24 - Rua de Bocage / Rua Augusto Cardoso (edifício Benetton); 25 - Beco de Dona Maria; 26 - Av. 22 de Dezembro; 27 - Rua Augusto Cardoso; 28 - Praça Miguel Bombarda; 29 - Rua Acácio Barradas; 30 - Rua António Maria Eusébio; 31 - Praça Machado dos Santos; 32 - Largo António Joaquim Correia; 33 - Baluarte da Conceição; 34 - Rua António Joaquim Granjo / Travessa das Farinhas; 35 - Av. Luísa Todi, 170-178.



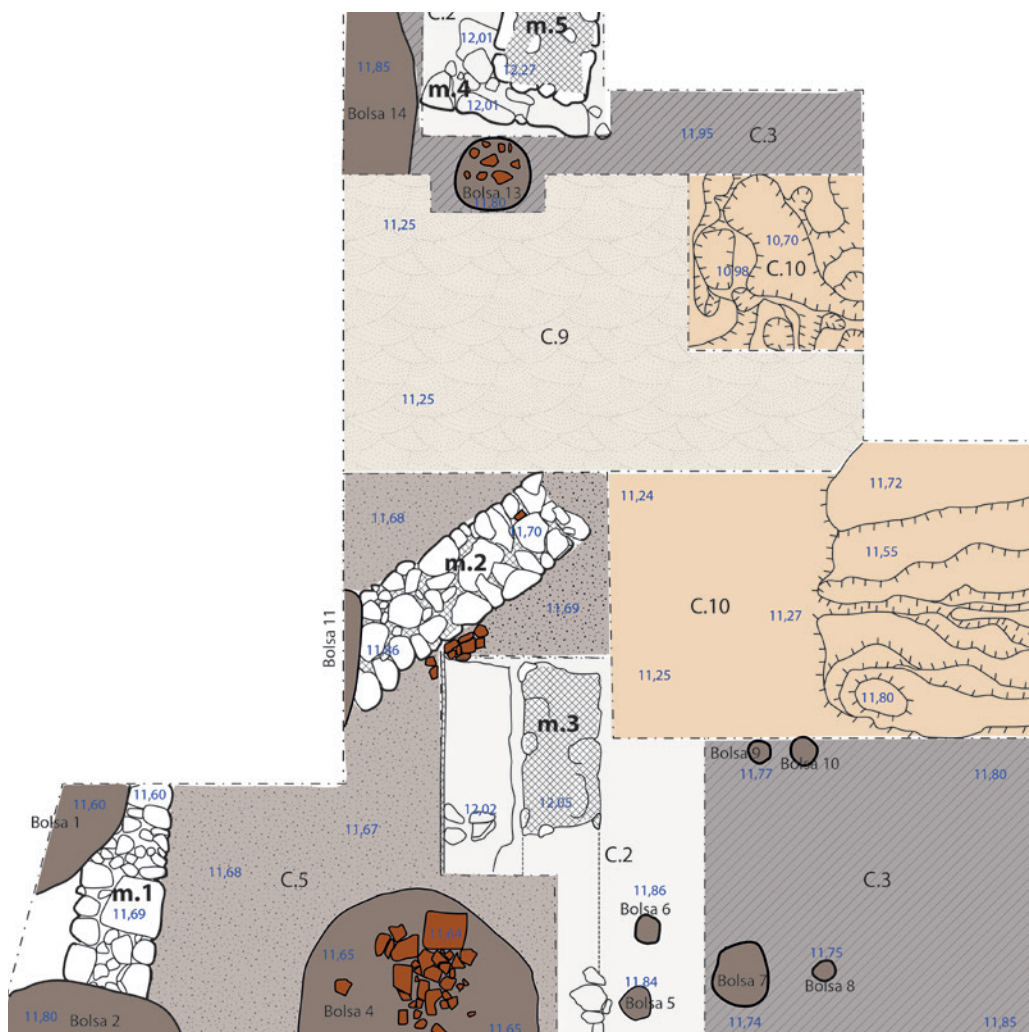


Fig. 2 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Planta da área escavada.

formados por argamassas, elementos pétreos, fragmentos de tijolo e telha, cerâmica romana e pós-romana.

C.1D – Esp. máx. 0,12m. Nível de regularização. Entulho miúdo, contendo argamassas, escassos elementos pétreos, cerâmica romana e pós-romana.

C.2A (evidenciada somente nos Qs. E-F/4-6) – Esp. máx. 0,03m. Pavimento de argamassa de cor esbranquiçada.

C.2B (evidenciada somente nos Qs. E-F/4-6) – Esp. máx. 0,06m. Sub-base do pavimento da C.2A. Lenticula argilo-arenosa, contendo cerâmica da Idade Moderna.

C.2C (evidenciada somente nos Qs. E-F/4-6) – Esp. máx. 0,08m. Pavimento de argamassa de cor esbranquiçada.

C.3 – Esp. máx. 0,13m. Nível de abandono da época romana. Sedimento argiloso compacto, de cor negra,

com carvões e fragmentos de cerâmica de construção e de recipientes. Na base, abria-se a Fossa 3, de planta subcircular (diâmetro *ca.* 0,5m), com 0,2m de profundidade, rica em cerâmica romana.

C.4 (circunscrita aos Qs. E-F/4) – Esp. máx. 0,06m. Pavimento de argamassa. Foi cortado pela Fossa 3 (Q. E4).

C.5 (evidenciada somente nos Qs. E-F/4-6) – Esp. máx. 0,15m. Formação coluvionar, arenosa, castanho-escura, contendo cerâmica romana (de construção e fragmentos de recipientes). Na base, abria-se a Fossa 4, de planta subcircular (*ca.* 0,5m de diâmetro) e 0,4m de profundidade, repleta de cerâmica da Época Romana.

C.6 – Esp. máx. *ca.* 0,5m. Preenchimento de paleo-canal (aberto por erosão de natureza torrencial) por formação coluvionar, arenosa, de cor amarelada clara, embalando cerâmica exclusivamente atribuível à Idade

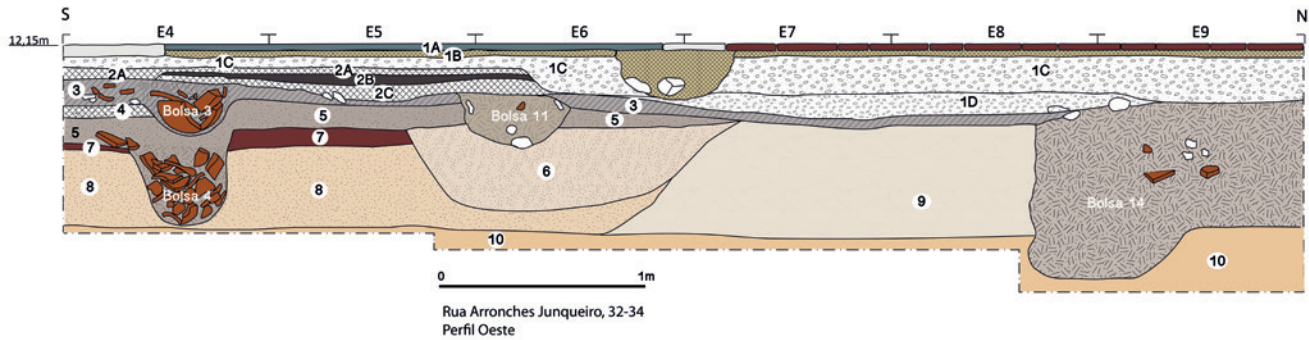


Fig. 3 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Perfil estratigráfico oeste dos Qs. E4-E9.

do Ferro orientalizante e (ou) de tradição orientalizante.

C.7 (com expressão somente nos Qs. E-F/4-5) – Esp. máx. 0,1m. Pavimento de areia argilosa avermelhada; foi cortado pelo paleo-canal (C.6) e pela Fossa 4, da base da C.5.

C.8 – Esp. máx. 0,4m. Areia grosseira, de cor alaranjada de origem coluvionar, de cor alaranjada, contendo cerâmica exclusivamente de produção manual. Preenchia depressão que cortou a C.9.

C.9 – Esp. máx. 0,5m. Formação coluvionar de areia esbranquiçada. Arqueologicamente estéril.

C.10 – Espessura indeterminada. Substrato geológico: arenito do Pliocénico.

Esta sequência estratigráfica denuncia as seguintes grandes fases de ocupação humana, notando-se algumas soluções de continuidade explicáveis pela intensa erosão natural e antrópica a que o local esteve sujeito quer durante o período orientalizante, quer a seguir à ocupação da época romana, do Alto Império:

Fase I – Pré-história holocénica (C.8);

Fase II – Idade do Ferro orientalizante (Cs. 7 e 6);

Fase III – Época Romana alto-imperial (Cs. 5, 4 e 3);

Fase IV – Período Moderno (Cs. 2C, 2B e 2A);

Fase V – Período Contemporâneo (Cs. 1D, 1C, 1B e 1A).

## OCUPAÇÃO DA PRÉ-HISTÓRIA HOLOCÉNICA

A cerâmica proveniente da C.8, de formação coluvionar, encontrava-se, pois, em posição secundária,

embora não se apresentasse rolada. É exclusivamente de produção manual e não oferece elementos de natureza cronotipológica que permitam inseri-la em determinado período da Pré-história holocénica: tanto pode ser neolítica, como calcolítica ou da Idade do Bronze.

Estão presentes taças em calote (Fig. 4), quer de bordo a tender para biselado e ligeiramente introvertido e parede curvilínea – de forma hemisférica –, quer de bordo aplanado e parede rectilínea e inclinada para o exterior – forma de tendência troncocónica – bem como os esférico-ovoides de bordo simples inclinado para o interior. A pasta é, em geral, friável, mas pouco grosseira (raros e.n.p. superiores a 1mm) e a cozedura processou-se em ambiente redutor com fase de arrefecimento oxidante (núcleo de cor anegrada e superfícies – ou só superfície externa – avermelhadas ou amarelo-acastanhadas). O tratamento das superfícies foi o alisamento.

## OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO

A ocupação da Idade do Ferro está documentada por um pavimento (C.7) e pelos materiais cerâmicos contidos em formação coluvionar (C.6) que preenchia um paleo-canal. Este destruiu parte daquele pavimento; apresenta 1,4m e 0,4m, respectivamente, de largura e profundidade; atravessou a área escavada segundo a direcção nascente-poente. Assim, os referidos artefactos foram transportados por via torrencial, encontrando-se, por conseguinte, em posição

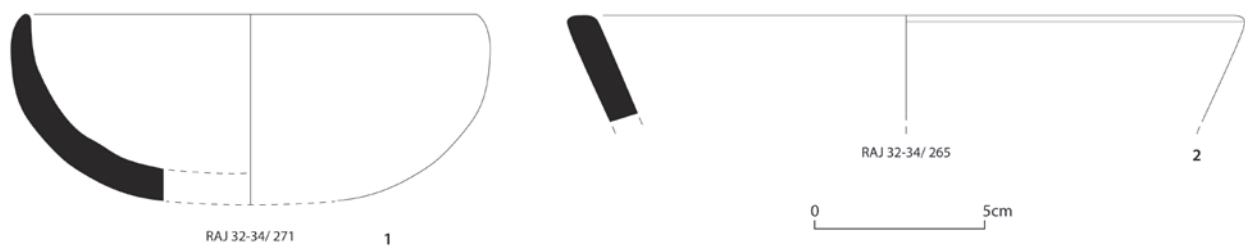


Fig. 4 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Cerâmica de produção manual proveniente da C.8. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

secundária. Uma vez mais, detectámos na Colina de Santa Maria, em Setúbal, vestígios de processos de abarrancamento ocorridos em plena Idade do Ferro, os quais destruíram níveis e estruturas deste período; anteriormente, tinham sido assinalados nas Ruas Francisco Augusto Flamengo (Tavares da Silva *et al.*, 2014) e António Joaquim Granjo (Tavares da Silva, 2018a).

O pavimento (C.7) era de argila vermelha (0,1m de espessura), com paralelos em numerosos sítios do período orientalizante de que destacamos, na região do Baixo Sado, a feitoria fenícia de Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2000) e o Castelo de Alcácer do Sal (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81).

A cerâmica distribui-se pelas seguintes categorias: de engobe vermelho, cinzenta orientalizante, oxidante de “tipo gris”, comum, ânforas e de produção manual.

*Cerâmica de engobe vermelho.* – Possuímos um fragmento de prato de bordo em aba sub-horizontal (Fig. 5, n.º 1), com cerca de 200mm de diâmetro. A largura original do bordo é indeterminada (largura conservada 27mm). O engobe, vermelho escuro (Munsell 10R 4/4), restringe-se à face interna do bordo. A pasta é muito fina (sem e.n.p. visíveis à vista desarmada) e compacta, e a cozedura, redutora-oxidante (núcleo cinzento escuro e zonas superficiais beges – Munsell 7.5 YR 7/4).

*Cerâmica cinzenta orientalizante.* – Na análise da cerâmica cinzenta orientalizante (NMI=10) seguimos

as classificações (morfologia e fabrico) apresentadas para Abul (Mayet & Tavares da Silva, 2000).

Estão presentes, na RAJ 32-34, as formas Abul I (Fig. 5, n.º 2 a 4) – prato/taça de bordo em S –, Abul II – (Fig. 5, n.º 5 e 6) prato/taça de bordo direito ou ligeiramente encurvado para o interior, por vezes com espessamento interno convexo – e Abul III – taça carenada (Fig. 5, n.º 7 a 9) – (Quadro 1).

A forma Abul I (NMI=4) compreende as variantes IA – prato/taça de bordo de perfil em S pouco acentuado, com ligeira concavidade externa não se destacando nitidamente do bojo (NMI=2) e Abul IC – prato/taça de bordo em S, possuindo concavidade externa acentuada, separada do bojo por carena (NMI=2). A primeira variante é muito frequente em Abul A (ca 35%) e rara em Abul B (0,5%), e a segunda, pouco frequente em ambos os sítios (1,7% em Abul A e 2,2% em Abul B).

A forma Abul I é muito frequente nos contextos orientalizantes do Baixo Sado (predomina em Abul A, com 56,4%), tornando-se rara, com 6,7%, no santuário do século V (Abul B), onde domina a forma Abul II (87,2%). De notar que no Baixo Tejo a forma Abul I é pouco frequente quer em contextos orientalizantes (Santarém, p.ex. – Arruda, 2002), quer datados do século V (Sousa & Pimenta, 2014).

A forma Abul II está representada na RAJ 32-34 por cinco exemplares distribuídos pelas variantes Abul II A – prato/taça aberto de bordo simples e rectilíneo, no



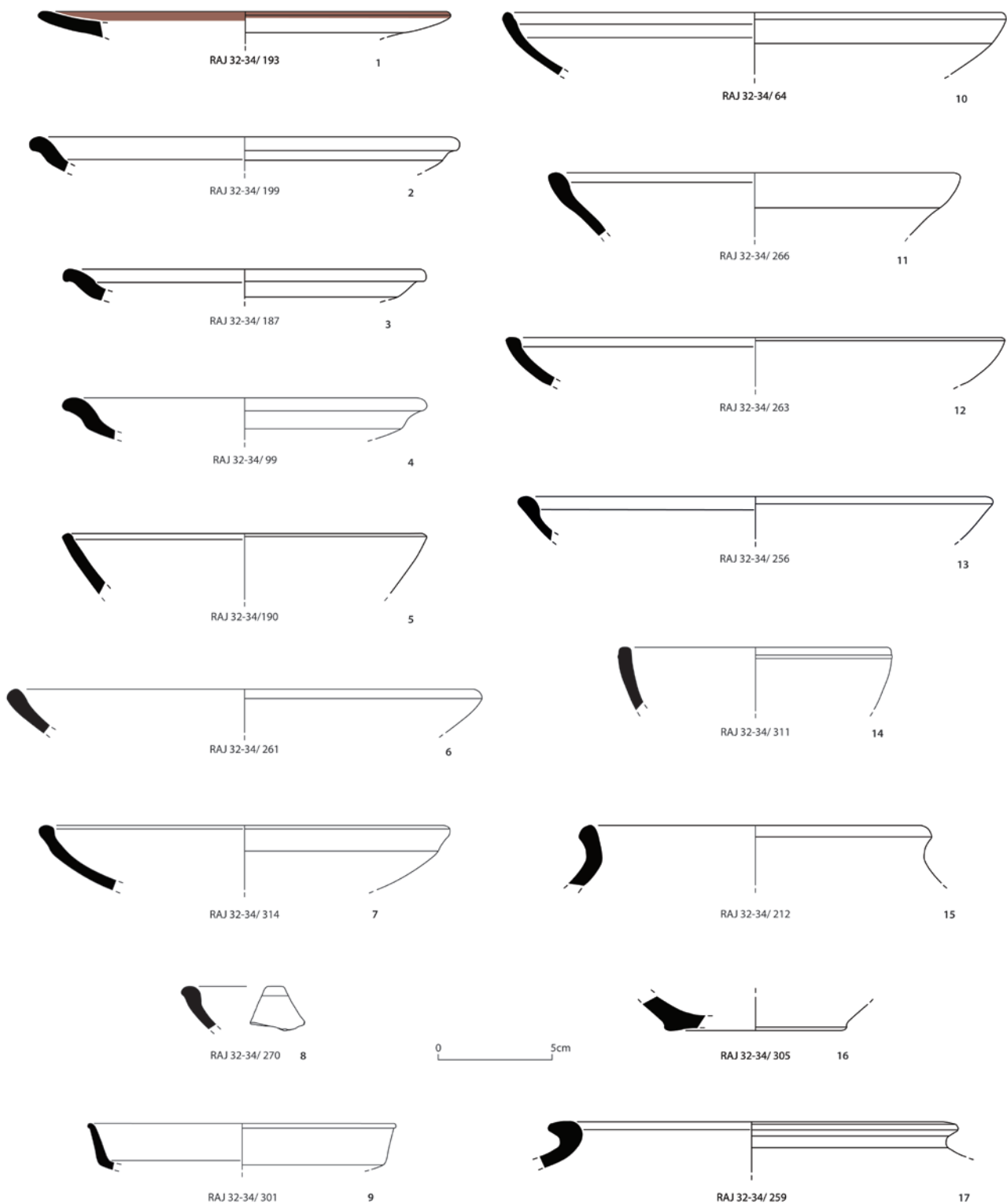


Fig. 5 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Cerâmica da Idade do Ferro proveniente da C.6: de engobe vermelho (nº1); cinzenta orientalizante (nºs 2-9); oxidante de tipo “gris” (nºs 10-13); cerâmica comum ao torno (nºs 14-16); ânfora (nº 17). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

prolongamento do bojo (MNI=1) – e Abul IIC1 – taça de bordo encurvado e com espessamento interno convexo (MNI=4).

A variante Abul IIA ocorre na feitoria fenícia de Abul com 10,7%, e no santuário do século V com apenas 2,5%. A Abul IIC1 é muito frequente em Abul A (16,8%) e a mais abundante em Abul B (ca 50%).

A forma Abul III (com raros exemplares em Abul A e ausente em Abul B) reduz-se, na RAJ 32-34, a um indivíduo (taça carenada de bordo vertical com ligeiro espessamento externo convexo) que parece reproduzir, em cerâmica cinzenta orientalizante, as páteras fenícias de engobe vermelho.

No que se refere ao fabrico da cerâmica cinzenta orientalizante da RAJ 32-34, é quase exclusivo o do grupo Abul B (superfícies anegradas). Como se verificou em Abul, a frequência deste grupo tende a aumentar do século VII para o V a.C.: 50% na Fase I de Abul A; ca. 80% na Fase II da mesma feitoria; ca. 70% em Abul B (Mayet & Tavares da Silva, 2000). Também em Alcácer do Sal se nota tendência semelhante: 7,1% na camada 10 e 11,4% na camada 7 (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81). As variantes de pasta/cor presentes na RAJ 32-34 (B2, B1 e A5, por ordem decrescente de representatividade numérica – Quadro 1) são das mais frequentes em Abul A: a variante B2 (pasta compacta, superfícies anegradas e núcleo castanho-avermelhado) com 21,9% (Fase I) e 30,8% (Fase II); a B1 (pasta compacta, superfícies anegradas e núcleo cinzento ou negro) com 18,5 (Fase I) e 33,9% (Fase II); e a A5 (pasta compacta, superfícies cinzentas e núcleo acastanhado/avermelhado) com 13,7% (Fase I) e 3,6% (Fase II).

*Cerâmica oxidante de “tipo gris”.* – Esta categoria cerâmica ocorre na RAJ 32-34 com um NMI=5 e possui superfícies vermelhas (Munsell 5YR 6/6) ou castanho-claras (Munsell 7.5YR 6/4) e núcleo totalmente vermelho (Munsell 2.5YR 5/8) ou com zona intermédia anegrada; a pasta é muito fina (escassos e.n.p. visíveis à vista desarmada); oferece formas características da cerâmica cinzenta orientalizante: Abul IIB2 (taça de bordo curvilíneo e simples – NMI=1), com

Quadro 1 - RAJ 32-34. Formas e fabricos da cerâmica cinzenta orientalizante.

Fabrico (cf. Abul)	Forma (cf. Abul)					Total
	I A	I C	II A	II C1	III	
A5	-	-	-	1	-	1
B1	-	1	1	1	1	4
B2	2	1	-	2	-	5
Total	2	2	1	4	1	10

ca 210mm de diâmetro externo (Fig. 5, n.º 10), e Abul II C1 (prato/taça de bordo mais ou menos arqueado e com espessamento interno convexo – NMI=4), cujo diâmetro externo varia entre ca.200-260mm (Fig. 5, n.ºs 11 a 13).

*Cerâmica comum ao torno.* – Contamos apenas com dois exemplares de cerâmica comum ao torno: taça de parede ligeiramente encurvada para o interior e de lábio plano, de pasta grosseira e pouco compacta e cozida em ambiente oxidante (núcleo castanho-avermelhado), mas com fase de arrefecimento redutor (superfícies anegradas) (Fig. 5, n.º 14); recipiente fechado de bordo encurvado para o exterior, de pasta grosseira e cozedura redutora (núcleo e superfícies negras, a exterior bem alisada) (Fig. 5, n.º 15).

*Ânforas.* – Dos fragmentos de ânforas exumados, só dois oferecem elementos classificáveis.

Um bordo (Fig. 5, n.º 17) é atribuível ao tipo 3 do Tejo (Sousa & Pimenta, 2014, p. 306-308), cuja datação se situa no século V a. C., podendo o início da sua produção remontar ao século VI a. C e, por outro lado, atingir os inícios do século IV a.C. O nosso exemplar possui lábio curto, de perfil triangular, com a face externa oblíqua e divergente e a interna convexa; 160mm de diâmetro interno. A pasta é compacta e muito fina (raros e.n.p. visíveis à vista desarmada), de cor vermelha (Munsell 10R 5/8). A superfície externa é amarelo-avermelhada (Munsell 5YR 6/6).

Além do fragmento com bordo, surgiu uma asa de ânfora, anelar e vertical, implantada imediatamente abaixo da carena (Fig. 6, n.º 1).

*Cerâmica manual.* – A cerâmica manual (NMI=6)

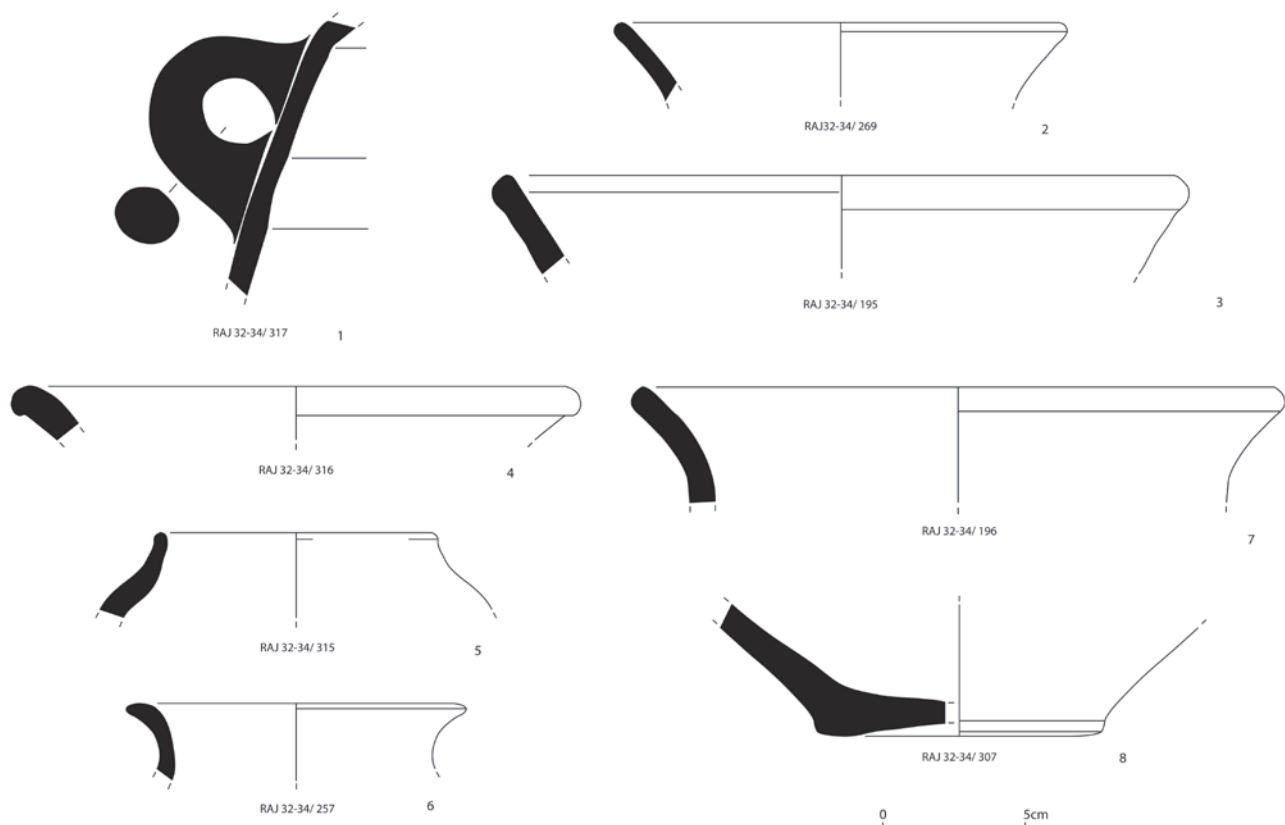


Fig. 6 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Cerâmica da Idade do Ferro proveniente da C.6: ânfora (n.º1); cerâmica manual (n.ºs 2-8). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

distribui-se por formas abertas (MNI=2) e fechadas (NMI=4). As primeiras compreendem uma taça de parede encurvada e bordo simples (ca. 300 mm de diâmetro) – forma Abul VII (Fig. 6, n.º 2) – e um recipiente de parede rectilínea e inclinada para o exterior, de bordo simples e lábio aplanado, talvez um alguidar Abul VA (Fig. 6, n.º 3).

As formas fechadas possuem o bordo extrovertido (diâmetro entre ca. 150 mm e 300 mm), e colo côncavo, integrando as formas Abul II, III e IV (potes e panelas) (Fig. 6, n.º 4 a 8).

As formas abertas apresentam pasta grosseira (numerosos e.n.p. entre 0,5 e 1mm) a muito grosseira (numerosos e.n.p. iguais ou superiores a 1mm),

e núcleo e superfícies avermelhados (cozedura oxidante).

Os potes e panelas oferecem pasta em geral compacta e muito grosseira; o núcleo e as superfícies são anegrados (cozedura redutora).

A superfície externa da panela revelou-se tosca; a dos restantes exemplares fora alisada.

## OCUPAÇÃO DA ÉPOCA ROMANA

Como anteriormente dissemos, esta fase de ocupação encontra-se representada pelas Cs. 5,4 e 3. A primeira assenta directamente no horizonte estratigráfico do período orientalizante, revelando um hiato provocado pela erosão e consequente destruição de níveis e

estruturas sidéricos. A C.4 é um pavimento e a C.3, o respectivo nível de abandono.

A intensa erosão natural e antrópica que incidiu sobre o lote da RAJ 32-34 destruiu, por sua vez, grande parte dos estratos da Época Romana, de tal modo que chegaram até nós apenas retalhos de níveis do Alto Império, bem como escassas estruturas. Estas incluem algumas fossas e o Muro 1.

As Fossas 3 e 4 continham material da Época Romana, designadamente fragmentos de cerâmica de construção e de recipientes. A Fossa 3 foi aberta no Q. E4 a partir da base da C.3, tendo cortado o pavimento da C.4. Em forma de saco e de planta subcircular, apresentava *ca* 0,5m de diâmetro e 0,2m de profundidade.

A Fossa 4 (também situada no Q. E4, sob a Fossa 3) foi construída na base da C.5, em saco de planta subcircular (*ca.* 0,5m de diâmetro) e 0,4m de profundidade. Como a anterior, mostrava-se repleta de cerâmica do Alto Império.

O Muro 1 (Fig. 2), de orientação aproximadamente N-S, foi cortado pelas Fossas 1 e 2, da Época Moderna, e observado nos Qs. C/4-5, em uma extensão de 1,2m. Implantava-se na C.5 e estaria em conexão com o pavimento da C.4. A sua vala de construção continha cerâmica da Época Romana. Foi construído com blocos de calcário, sub-rolados, heterométricos, de maiores dimensões nos paramentos e de pequenas dimensões entre estes. Conservava *ca* 0,45m de altura (três fiadas de blocos) e 0,55m de largura.

Os recipientes cerâmicos distribuem-se pelas seguintes categorias: *terra sigillata*, paredes finas, lucernas, cerâmica comum e ânforas.

*Terra sigillata*. – Não obstante constituir reduzida amostra (50 fragmentos e MNI=25) e integrar não só os níveis da Época Romana (Cs. 5 -3), mas também os dos períodos moderno e contemporâneo (Cs. 2 e 3), a *terra sigillata* (Figs. 7 e 8) representa conjunto homogéneo atribuível ao último terço do século I d.C. (com provável prolongamento pelo século seguinte). Este conjunto (Quadro 2) é dominado pela *terra sigillata* sudgálica, com 34 fragmentos (NMI=19); a *terra sigillata*

hispânica encontra-se em franca minoria (15 fragmentos, NMI=5), como aliás se tem verificado em outras intervenções arqueológicas efectuadas no casco histórico de Setúbal<sup>2</sup> (Coelho-Soares, 2018, Quadro 2). Há a acrescentar o aparecimento de um fragmento, de forma indeterminada, de *terra sigillata* africana A (Quadro 2).

No que se refere à *terra sigillata* sudgálica (Fig. 7 e Fig. 8, n.º 1 a 6), cujas formas são indicadas no Quadro 2, é de assinalar, especialmente, a presença do prato Drag. 36 (com o bordo ostentando folhas de água em barbotina) na C.5 (Fig. 7, n.º 1), o que permite supor que este nível não se teria formado antes de 60/70 d.C., visto esta forma ter sido produzida entre 60/70 d.C. e o século II, de acordo com Genin (2007, p. 322), ou entre 60 e 150 d. C., segundo Bourgeois & Mayet (1991, p. 92). Estas últimas autoras admitem que a decoração a barbotina no bordo, patente no nosso exemplar da C.5, teria desaparecido cerca de 90-100 d.C. (Bourgeois & Mayet, 1991, p. 93).

A *terra sigillata* hispânica (Fig. 8, n.º 7 a 9) ocorre nas formas Drag. 27, Drag. 33 e Drag. 35/36 (Quadro 2); a identificação desta última na C.5 vem confirmar o *terminus post quem* de 70 d.C. anteriormente referido.

Em *terra sigillata* hispânica surgiu, em um fundo externo, de forma indeterminada, com cartela rectangular de extremidades arredondadas, a marca C.I.A.E.F (Fig. 8, n.º 9). Enquanto para Garabito (1978, 131) se trata das iniciais de *Cinus Aemilius Fecerunt*, para Mayet (1984, p. 198) corresponde talvez a *C*(olonia) *I*(ulia) *A*(ugusta) *E*(merita). Segundo esta última autora, seria originária de *Tritium Magallum*. Com base na estratigrafia da Calle Almendralejo 41, Mérida, UU.EE. 1369 e 925, M. Bustamante, defende que esta marca atinge o seu desenvolvimento entre Vespasiano e Trajano (Bustamante, 2013, p. 191, Fig. 199). Banha da Silva não a refere para a Península de Lisboa, nem a inclui no “Contributo para um *corpus* de marcas de oleiro na *terra sigillata* em Portugal” (Silva, 2012).

*Paredes Finas*. – No domínio das cerâmicas finas de mesa, há ainda a registar a presença de nove exemplares

Quadro 2 - RAJ 32-34. Distribuição da *terra sigillata* por contextos estratigráficos (NF - número de fragmentos; NMI - número mínimo de indivíduos).

Formas	Camadas						Total	
	5		3		2/1		NF	NMI
	NF	NMI	NF	NMI	NF	NMI		
T. S. Sudgálica	7	3	18	11	9	5	34	19
Drag. 15/17	-	-	1	1	-	-	1	1
Drag. 18	-	-	2	2	-	-	2	2
Drag. 36	1	1	-	-	-	-	1	1
Drag. 27	2	2	2	1+1?	1	1+1?	5	4+2?
Drag. 33	-	-	2	2	1	-	3	2
Drag. 35	-	-	2	2	-	-	2	2
Drag. 35/36	-	-	-	-	2	2	2	2
Drag. 29	-	-	1	1	-	-	1	1
Drag. 30	-	-	1	1	1	1?	2	1+1?
Ind	4	-	7	-	4	-	15	-
T. S. Hispânica	1	1	6	1	8	3	15	5
Drag. 27	-	-	-	-	1	1(?)	1	1(?)
Drag. 33	-	-	1	1	3	2	4	3
Drag. 35/36	1	1	-	-	-	-	1	1
Ind.	-	-	5	-	4	-	9	-
Africana A	-	-	1	1	-	-	1	1
Ind.	-	-	1	1	-	-	1	1
Total	8	4	25	13	17	8	50	25

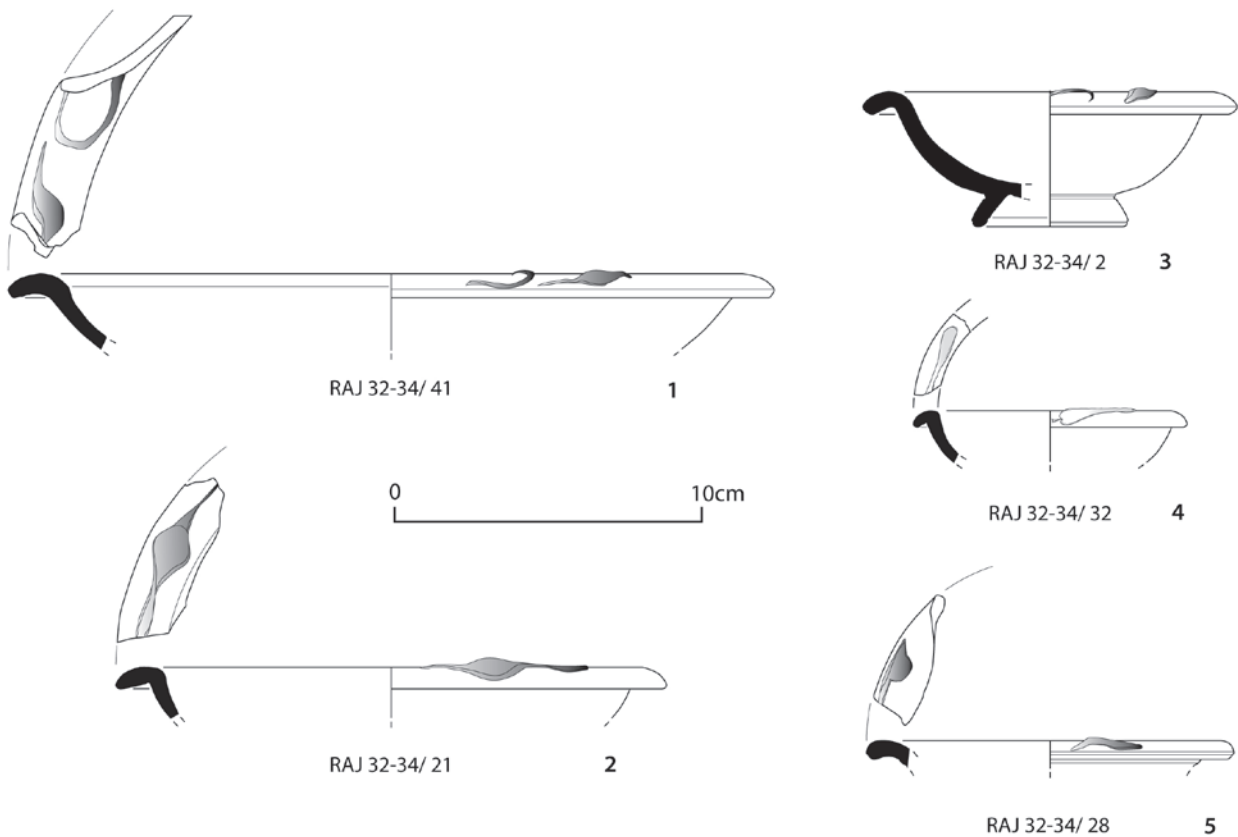


Fig. 7 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. *Terra sigillata* sudgálica. Formas Drag. 35, 36 e 35/36. Desenhos de Teresa Rita Pereira.



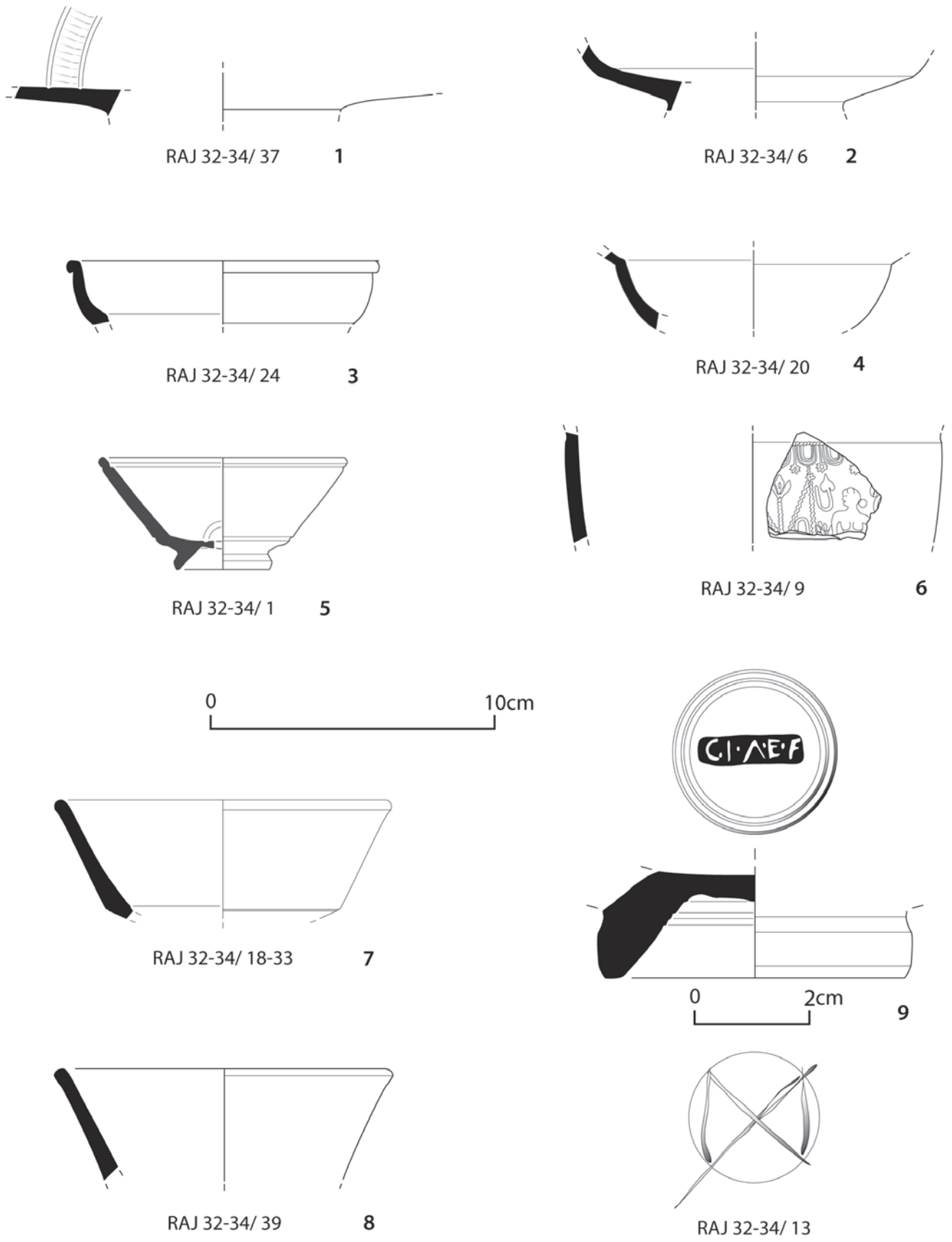


Fig. 8 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Terra sigillata sudgálica (n<sup>os</sup> 1-6) e hispânica (n<sup>os</sup> 7-9). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

de paredes finas, exumados da C.5. Predomina, como sucede na maior parte dos contextos alto-imperiais da Península Ibérica, a forma Mayet XXXVII. Esta taça está representada na RAJ 32-34 por sete exemplares (Fig. 9, n.ºs 3 a 9), quatro com decoração arenosa (p.e. Fig. 9, n.º 5) ou constituída por pequenos mamilos em barbotina e engobe castanho – alaranjado, com reflexos metálicos, de produção bética; um indivíduo possui asas caneladas. A forma Mayet XXXVII teria sido produzida a partir de Tibério, atingindo o período flaviano. Com cronologia semelhante, surgiu uma taça tipo “casca de ovo”, da forma Mayet XXXIV (Fig. 9, n.º

2). Um outro exemplar, que consideramos da forma Mayet IIA (Fig. 9, n.º 1), relativamente baixo, de bordo oblíquo e bojo globular (Cf. Mayet, 1975, Pl. II, nº 14) parece estar fora do seu contexto original.

*Lucernas.* – Possuímos quatro exemplares de forma indeterminada, assim distribuídos estratigraficamente: C.5 (um fragmento de reservatório – fundo – e um fragmento de disco decorado por águaia) (Fig. 10, nºs 1 e 2); C.4 (um fragmento de reservatório – fundo); C.3 (um fragmento com parede de reservatório e orla).

*Cerâmica comum.* – Relativamente a esta categoria cerâmica, seguimos de perto a classificação

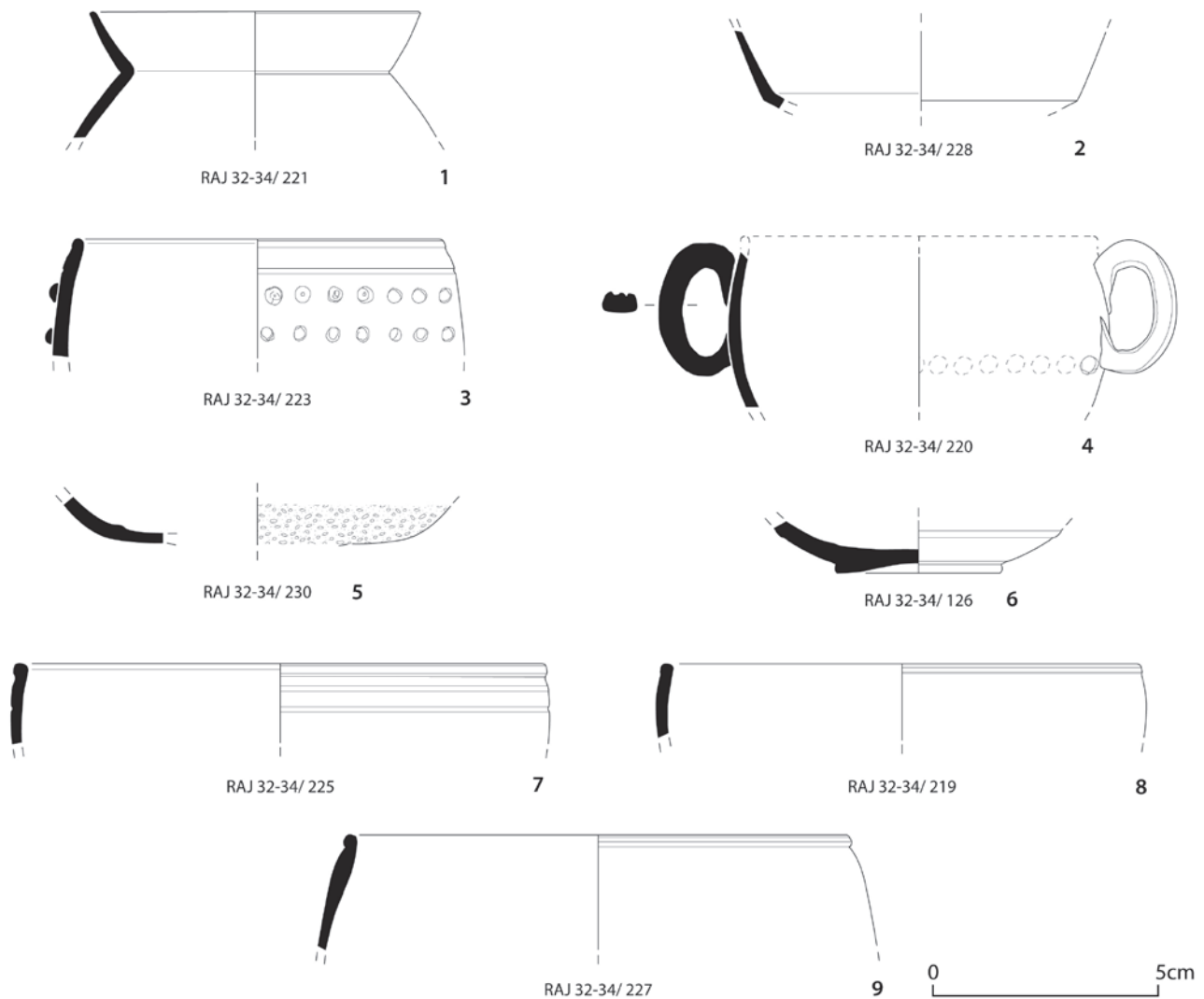


Fig. 9 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Cerâmica de paredes finas, proveniente da C.5. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

morfofuncional proposta para São Cucufate (Pinto, 2003); atendemos somente aos materiais provenientes dos contextos do Alto Império (NMI=35: 16 da C.3 e 19 da C.5). Os tipos identificados, a sua frequência e distribuição estratiográfica são apresentados no Quadro 3.

Predominam esmagadoramente as produções locais/regionais (pasta Sado-Tejo – Mayet, Schmitt & Tavares da Silva, 1996); só um indivíduo teria sido importado: um almofariz (Fig. 11, n.º 3) proveniente da C.3, de bordo inclinado para o exterior (250mm de diâmetro interno), ligeiramente engrossado, de secção triangular; internamente com estrias paralelas e horizontais; a pasta é compacta com numerosos e.n.p. inferiores a 0,5mm; o núcleo da fractura é castanho-avermelhado

claro (Munsell 5YR 6/4) e as superfícies são amarelado-pálidas (Munsell 2.5Y 8/2).

Os recipientes de cerâmica comum da RAJ 32-34 formam um conjunto essencialmente relacionável com actividades culinárias, predominando, quer na C.3 quer na C.5, o grupo dos tachos/panelas.

De um ponto de vista cronotipológico, devemos realçar a elevada frequência, nos tachos/panelas, potes e potinhos de bordo formando garganta interna (Fig. 11, n.ºs 7, 8, 9 e 11), isto é, oblíquo a subvertical, côncavo internamente e convexo externamente, carácter já anteriormente observado em Setúbal onde oferece elevada frequência em contextos do Alto Império (Tavares da Silva *et al.*, 2014; Coelho-Soares & Tavares da Silva,

Quadro 3 - RAJ 32-34. Tipologia dos recipientes em cerâmica comum (NMI) das Cs. 3 e 5 (contextos do Alto Império).

Categoria morfofuncional	Variante	Tipologia (S. Cucufate)	Contextos		Total
			C.3	C.5	
<i>Prato</i>	Bordo direito	I-A	1	-	1
<i>Tigela</i>	Bordo direito e simples	III-A-1/2	3	2	5
<i>Almofariz</i>	Bordo espessado de secção triangular	-	1*	-	1*
<i>Tacho/panela</i>	Bordo em aba dobrado sobre o ombro	VII-A-1	1	2	3
	Bordo em aba dobrado sobre o ombro e descolado do bojo	VIII-A-1	-	3	3
	Bordo em aba sobre parede subvertical	VIII-B-2	-	1	1
	Bordo extrovertido com espessamento externo	VIII-B-4-a	1	-	1
	Bordo formando garganta interna	VIII-C-1	5	2	7
<i>Pote</i>	Bordo formando garganta interna	IX-C-1	1**	3**	4**
<i>Potinho</i>	Bordo em aba	X-A-6	-	1	1
	Bordo formando garganta interna	X-B-2	-	3**	3**
<i>Jarro</i>	Bocal trilobado	XI-A-1/2	1	-	1
	Bordo extrovertido, espessado; colo côncavo	XI-A-3	2	-	2
	Bordo formando garganta interna; bojo piriforme	-	-	1	1
<i>Bilha</i>	Bordo extrovertido; colo estreito	XII-A-2	-	1	1
<b>Total</b>			<b>16</b>	<b>19</b>	<b>35</b>

\* De origem exógena; \*\* Imitação de paredes finas?.

2018). Os potes e potinhos, apresentando este caracter, lembram (ou imitam) exemplares de paredes finas (cf. Mayet & Tavares da Silva, 2002, p. 30 e Fig. 14).

Em cerâmica com pasta do Sado-Tejo, além de recipientes, surgiram ainda, nas Cs. 3 e 5, tampas que integram os seguintes grupos morfológicos (Fig. 12, n.º 1 a 6):

- de bordo simples e parede externamente rectilínea ou côncava e diâmetro compreendido entre 110 e 130mm (NMI=4: um da C.5 e os restantes da C.3), que teriam sido utilizados como opérculos de ânforas (Fig. 12, n.º 1 e 2);

- igualmente de bordo simples e parede externamente rectilínea, mas de diâmetro situado entre 190 e 360mm (NMI=10: 6 da C.3 e 4 da C.5), podendo ter sido utilizados em panelas/potes e em talhas (dois exemplares, um da C.3 e outro da C.5, com diâmetros, respectivamente, de 300 e 360mm) (Fig. 12, n.º 3 a 6).

Em cerâmica “industrial”, surgiu, na C.5, um peso de tear, paralelepípedo, de seção transversal quadrangular (Fig. 12, n.º 7).

Como cerâmica lúdica, a C.3 forneceu uma malha de jogo circular (38mm de diâmetro máximo) obtida a

partir de fragmento de telha curva.

Ânforas. – Foram identificados 34 fragmentos classificáveis (bordos, asas e fundos) correspondentes ao NMI=16. Provieram principalmente das Cs. 3 e 5; alguns exemplares surgiram nos níveis pós-romanos (Cs. 1 e 2) (Quadro 4). São quase exclusivos os produzidos local ou regionalmente, com pastas, por observação macroscópica, características das olarias do Baixo Sado (Mayet, Schmitt & Tavares da Silva, 1996); reduzem-se a uma única forma, a ânfora piscícola Dressel 14 (Fig. 13, n.º 1 a 11), representada, predominantemente, pela variante B, flaviana por excelência; as variantes A (segundo e terceiro quartéis do século I d.C.) e C, que se desenvolve no século II d.C. (Mayet & Tavares da Silva, 2016) são meramente vestigiais.

Os exemplares de origem exógena reduzem-se às formas Beltran II (NMI=1) (Fig. 13, n.º 12) e gaulesa 4 (NMI=1) (Fig. 13, n.º 13), respectivamente piscícola e de origem bética, e, como o nome indica, gaulesa (Quadros 5 e 6).

A pequena amostra de ânforas da R.A.J. 32-34, que, cronologicamente, se pode centrar no último terço do século I d.C., não contraria, em termos gerais, pela sua

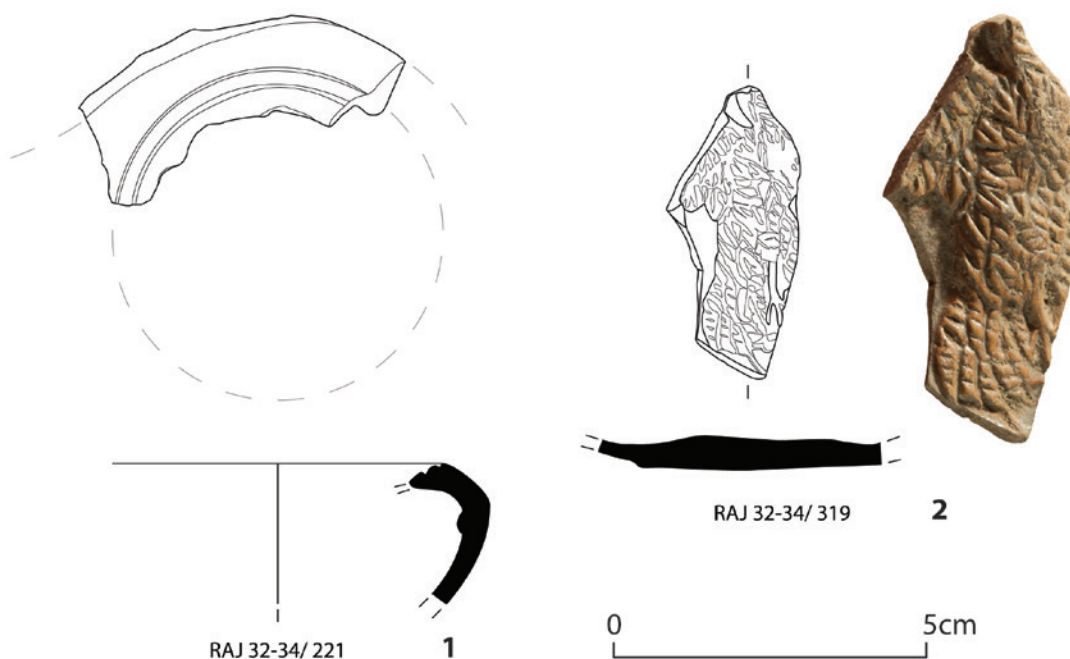


Fig. 10 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Lucernas. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

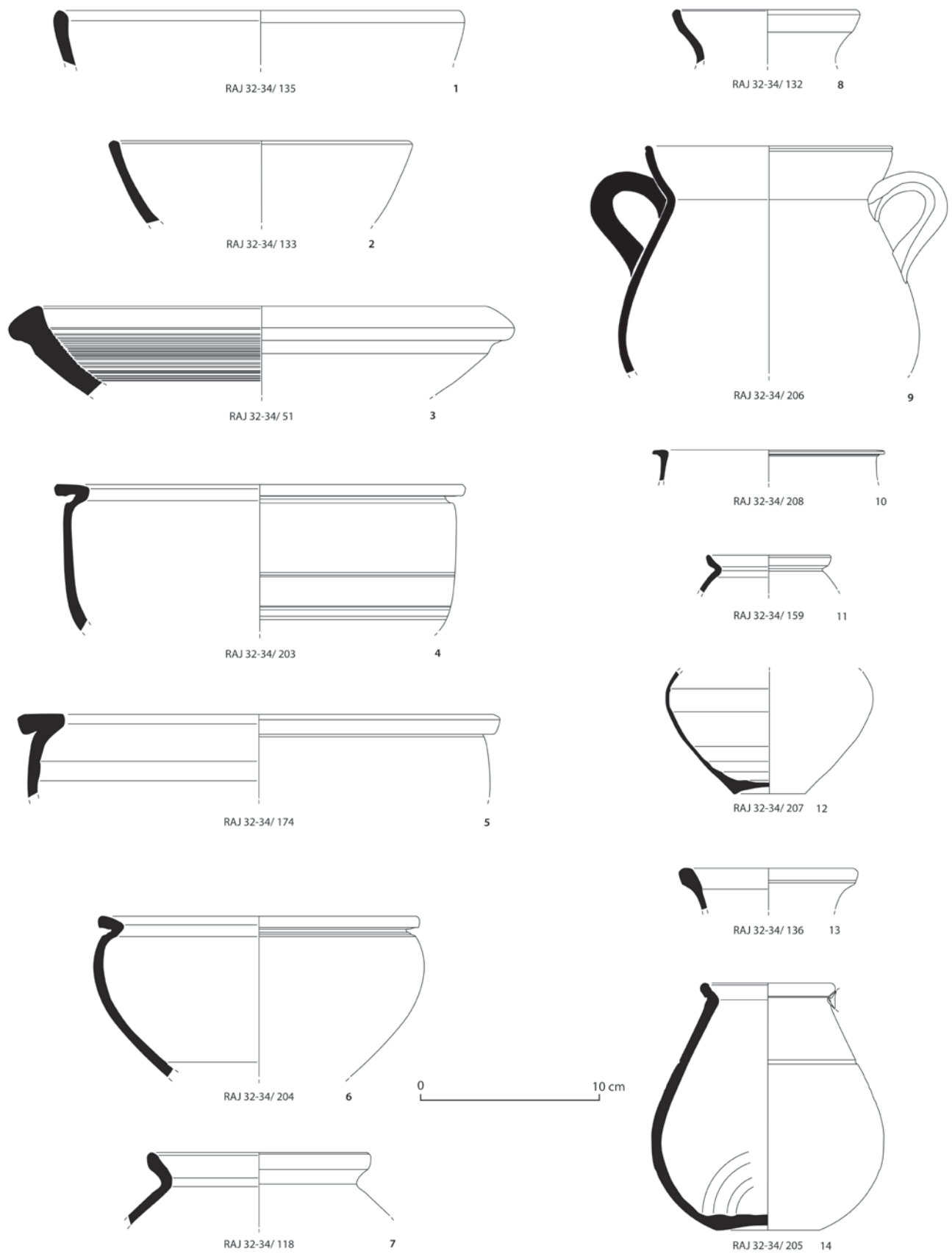


Fig. 11 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Cerâmica comum. Desenhos de Teresa Rita Pereira.



Quadro 4 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Distribuição das ânforas pelos contextos estratigráficos.

Forma	Contextos						Total	
	C.1/2		C.3		C.5			
	NE	NMI	NE	NMI	NE	NMI	NE	NMI
<b>Prod. local/reg.</b>	4	2	9	4	17	7	30	13
Dressel 14	4	2	9	4	17	7	30	13
Variante A	-	-	1	1	1	1	2	2
Variante B	2	2	3	3	5	5	10	10
Variante C	-	-	-	-	1	1	1	1
Variante ind.	2	-	5	-	10	-	17	-
<b>Prod. exógena</b>	2	2	-	-	2	1	4	3
Beltran II	-	-	-	-	2	1	2	1
Gaulesa 4	1	1	-	-	-	-	1	1
Ind.	1	1	-	-	-	-	1	1
<b>Total</b>	6	4	9	4	19	8	34	16

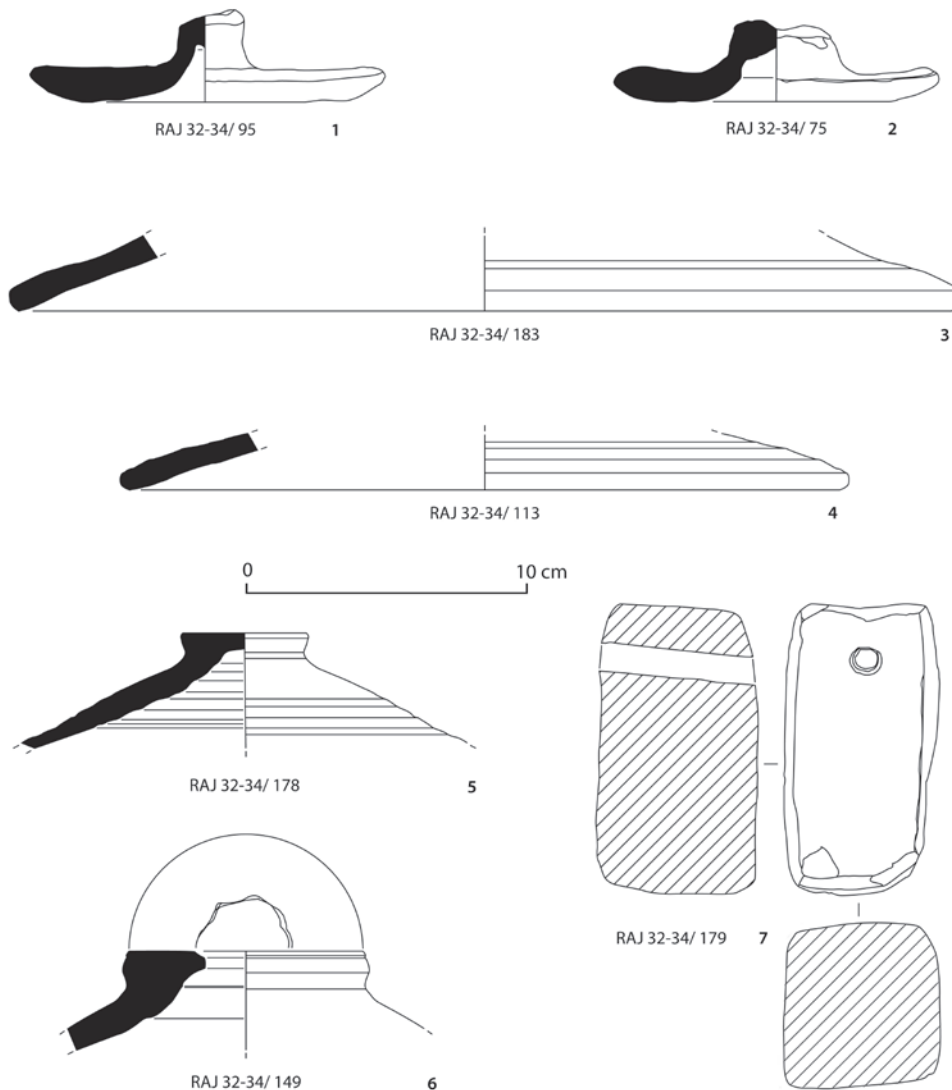


Fig. 12 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Tampas (n<sup>os</sup> 1-6) e peso de tear (n<sup>o</sup>7). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

Forma	Local/ regional	Bética (costeira)	Gália	Exógena ind.	Total
Dressel 14	13	-	-	-	13
Beltran II	-	1	-	-	1
Gaulesa 4	-	-	1	-	1
Ind.	-	-	-	1	1
Total	13	1	1	1	16

Quadro 5 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Distribuição das ânforas romanas por proveniência (NMI).

Forma	Conteúdos			Total
	Prod. piscícola	Vinho	Ind.	
Dressel 14	13	-	-	13
Beltran II	1	-	-	1
Gaulesa 4	-	1	-	1
Ind.	-	-	1	1
Total	14	1	1	16

Quadro 6 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Distribuição das ânforas por conteúdos.

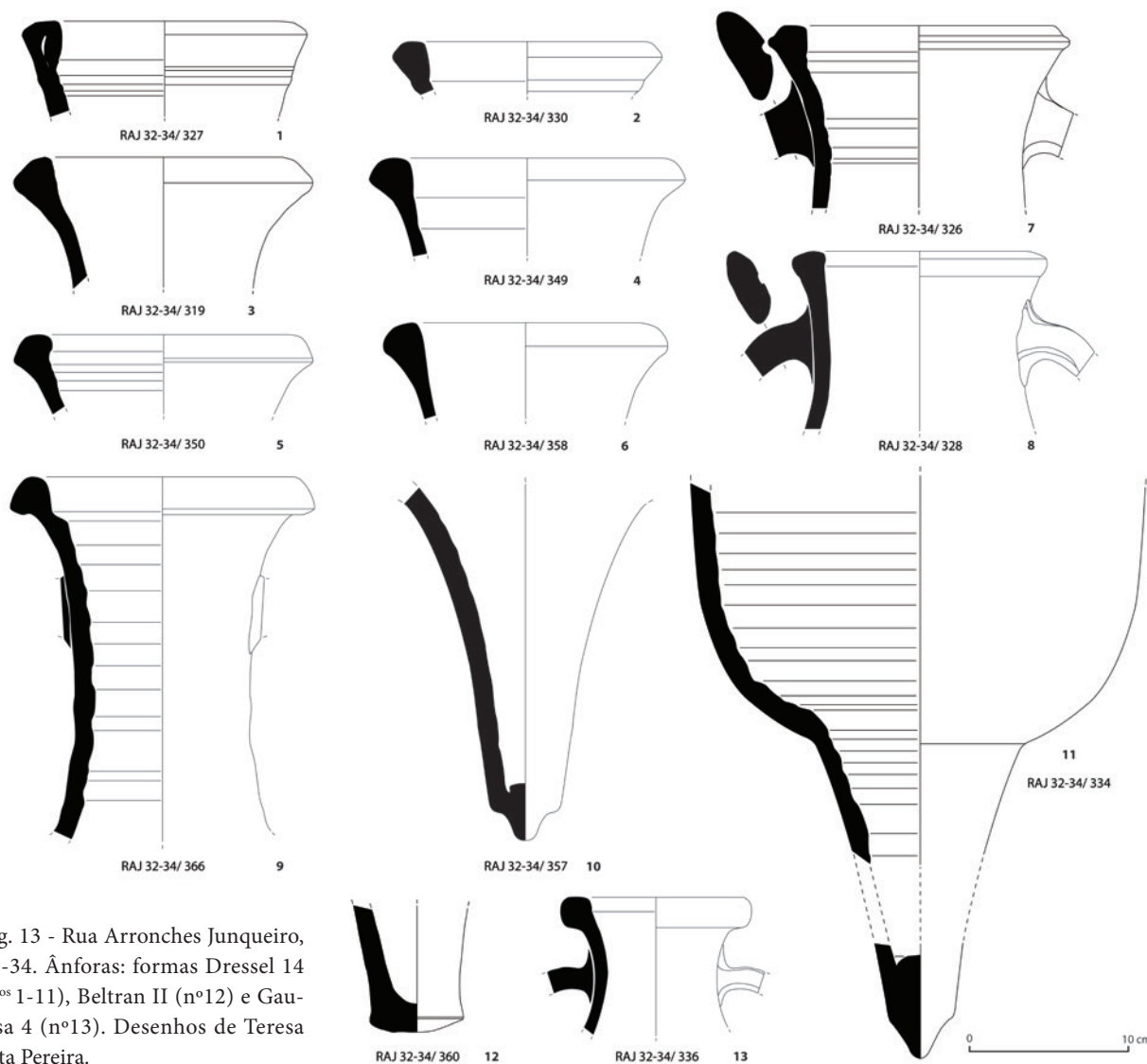


Fig. 13 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Ânforas: formas Dressel 14 (nºs 1-11), Beltran II (nº12) e Gaulesa 4 (nº13). Desenhos de Teresa Rita Pereira.

composição morfológica e no que respeita às origens de produção e aos conteúdos, o panorama conhecido até agora para a área urbana de Setúbal (Tavares da Silva, 2018c, Quadro 3), dominado grandemente pelas ânforas piscícolas de origem local/regional e com escassíssima representação dos produtos piscícolas, oleários e vinários importados quer da Bética quer de outras regiões mediterrâneas.

### OCUPAÇÃO DAS ÉPOCAS MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Os pavimentos de argamassa das Cs. 2A e 2B podem ser atribuídos à Época Moderna, enquanto o da C.1 é certamente do Período Contemporâneo.

Os artefactos dos séculos XVI-XVII compreendem (Quadro 7) cerâmica comum (NMI=10 – Fig.14, n.º 1 a 5), vidrada (NMI=1), esmaltada a branco estanífero (NMI=5 – Fig. 15, n.º 1 e 3), alguma com decoração a azul cobalto (Fig. 15, n.º 2 e 4), importada de Sevilha, e faiança (NMI=17 – Fig. 16, n.º 1 a 7); incluem cerâmica de cozinha (NMI=7), de mesa (predomina largamente, com NMI=24) e de armazenagem/transporte (NMI=2). Surgiram ainda, em cerâmica caulínica, quatro fragmentos de cachimbos, de que se destaca um pedúnculo, possuindo em ambos os lados as armas da cidade de Gouda, encimadas pela letra S, exemplar datado de 1700 a 1755 (Fig. 17, n.º 1) (Calado *et al.*, 2013, p. 386).

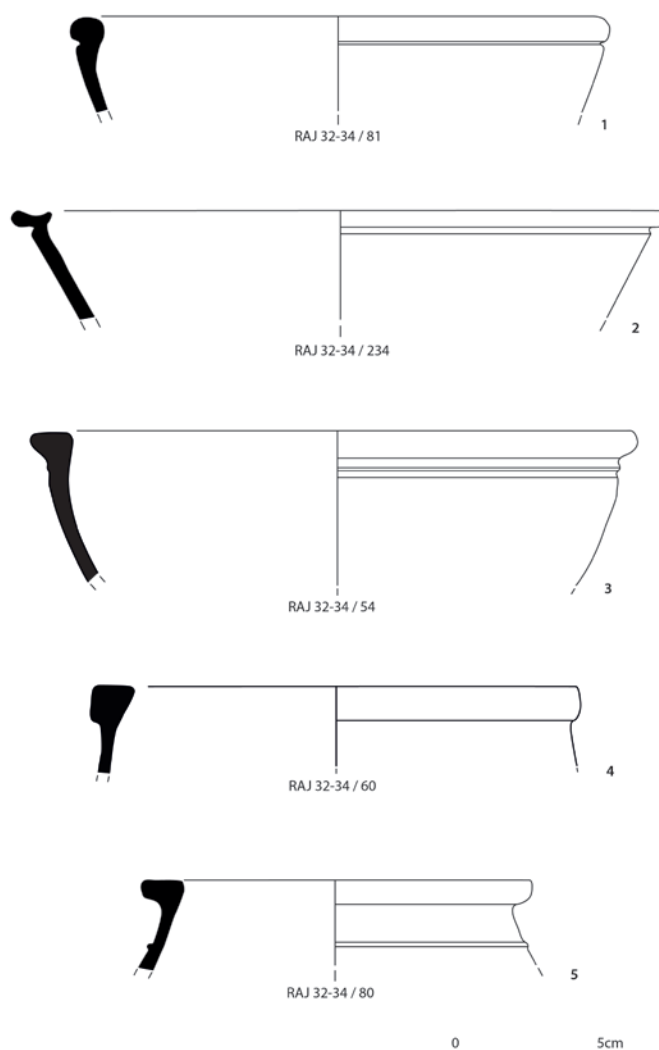


Fig. 14 – Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Cerâmica comum de produção local/regional do século XVI: 1 - tigela; 2 e 3 - caçarolas; 4 e 5 - panelas. Desenhos de Susana Duarte.

Quadro 7 – RAJ 32-34. Cerâmica dos séculos XVI e XVII das Cs. 1 e 2 (NMI).

Categoria funcional	Formas	Cerâmica comum	Cerâmica vidrada	Cerâmica esmaltada	Faiança	Total
Cozinha	<i>Alquidar</i>	2	-	-	-	2
	<i>Caçarola</i>	2	-	-	-	2
	<i>Panela</i>	2	1	-	-	3
Mesa	<i>Prato</i>	1	-	3	11	15
	<i>Prato Covo</i>	-	-	-	1	1
	<i>Tigela/taça</i>	1	-	2	5	8
Armazenagem /transporte	<i>Pote</i>	1	-	-	-	1
	<i>Cântaro</i>	1	-	-	-	1
<b>Total</b>		<b>10</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>17</b>	<b>33</b>

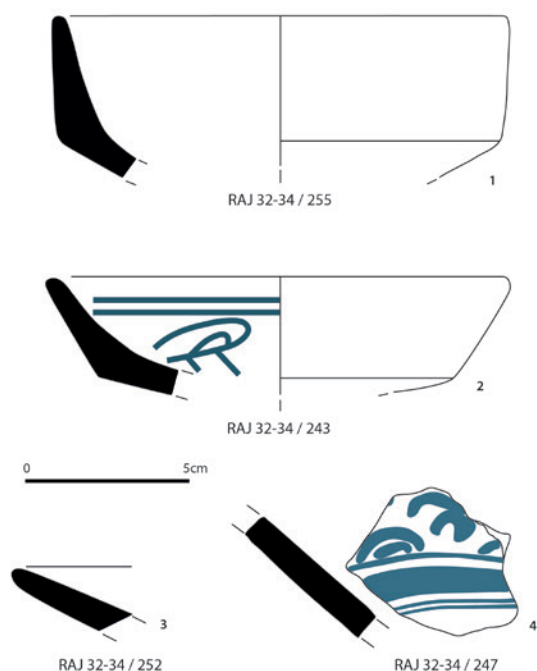


Fig. 15 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Cerâmica esmaltada a branco estanífero, do século XVI, de produção regional (1 - taça carenada; 3 - Prato). Cerâmica de importação sevilhana da série *blue and white* com cronologia do século XVI (2 - taça; 4 - fragmento de parede de prato). Desenhos de Susana Duarte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34, permitiu identificar vestígios de ocupação humana do período orientalizante na área urbana de Setúbal e na Colina de Santa Maria, a única elevação existente no casco histórico desta cidade. Verificou-se, assim, que desde a Travessa dos Apóstolos (Soares & Tavares da Silva, 1986), na zona nordeste, passando pela Rua Francisco Augusto Flamengo (Tavares da Silva *et al.* 2014), na zona nascente, pela Rua Arroches Junqueiro (agora dada a conhecer), sensivelmente a meio da encosta oeste, até à Rua António Joaquim Granjo (Tavares da Silva, 2018b) no sopé sudoeste e junto à antiga praia, surgem testemunhos da ocupação do período orientalizante.

Na Travessa dos Apóstolos, o nível arqueológico mais profundo da sequência estratigráfica aí observada (Fase I de ocupação) parece ter revelado um horizonte do Bronze Final, acusando os primeiros contactos com grupo(s) fenício(s). Já na Rua Arronches Junqueiro, 32-34, tal não foi possível documentar, pois o estrato arqueológico (C.8) imediatamente subjacente aos níveis estratigráficos do período orientalizante (Cs. 6 e 7) forneceu cerâmica de produção exclusivamente manual, sem dúvida da Pré-história holocénica (ou recente), mas sem atributos cronotipológicos seguros para uma integração no Bronze Final.

De notar que quer os materiais arqueológicos da Pré-história holocénica quer os do período orientalizante da RAJ 32-34 integram formações coluvionares que preenchiam paleocanais abertos por acção de intensa erosão de origem torrencial. Este fenómeno afectou consideravelmente muitos dos contextos pré-romanos e romanos escavados na Colina de Santa Maria, de substrato geológico formado por arenitos mal consolidados do Pliocénico, como já havia ficado bem patente através das escavações arqueológicas anteriormente efectuadas nas Ruas Francisco Augusto Flamengo e António Joaquim Granjo.

Após a ocupação do período orientalizante (cuja amostra artefactual abranje um arco cronológico que parece centrar-se no século VI a.C., podendo ter-se iniciado no século anterior e prolongar-se timidamente pelo seguinte), ocorreu um hiato correspondente, grosso modo, à segunda metade do 1º milénio a.C. até à colonização romana que, na RAJ 32-34, se manifesta principalmente no terceiro quartel do século I d.C. Trata-se de fase de ocupação de carácter marcadamente doméstico, representada por cerâmica de mesa como *terra sigillata* sudgálica (a mais frequente), hispânica (de salientar a marca C.I.A.E.F.), africana A (muito rara), paredes finas e lucernas, e de cozinha. A armazenagem podia ser feita em ânforas de produção local/regional tipologicamente dominadas pela forma Dressel 14, sobretudo

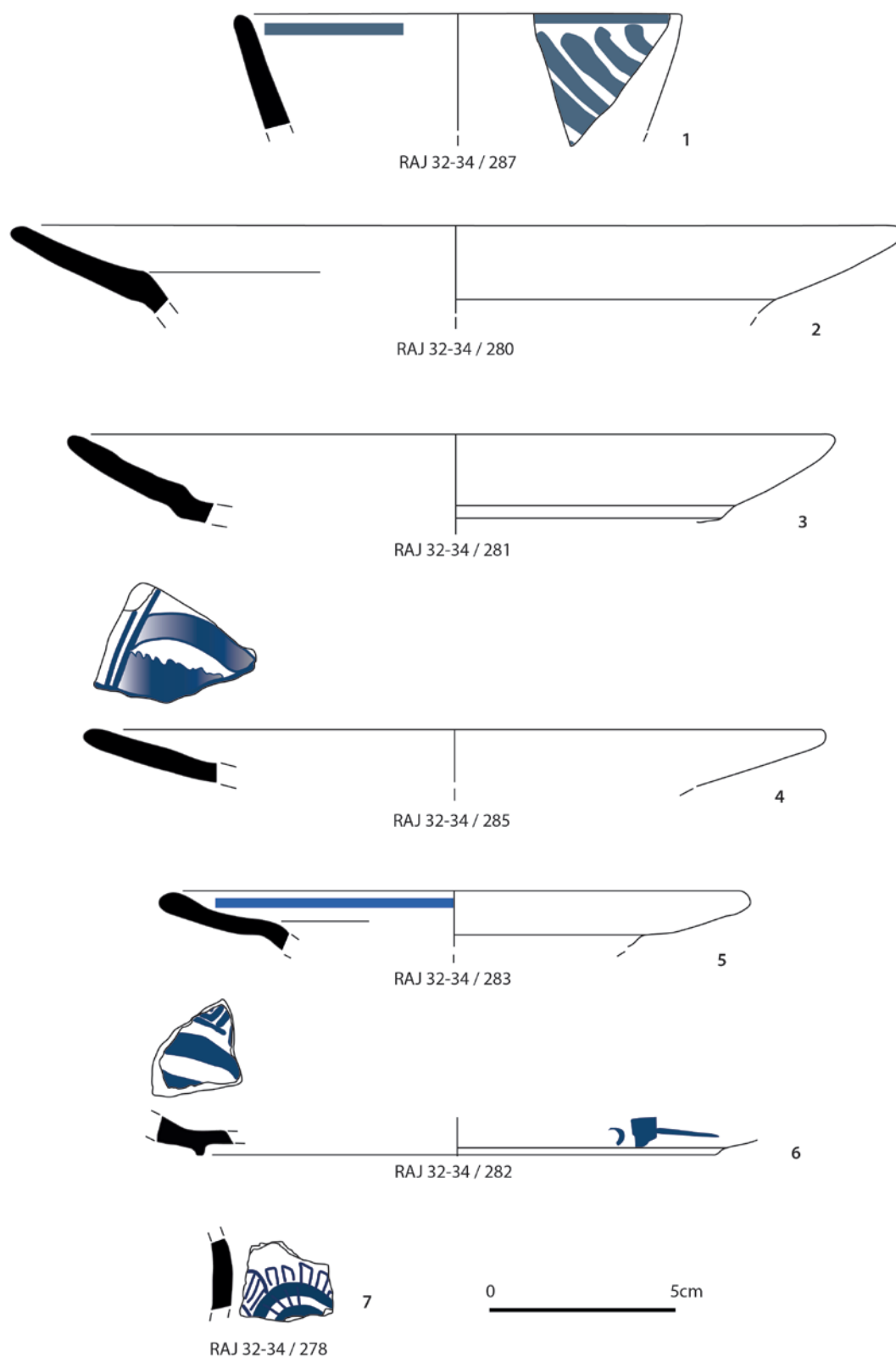


Fig. 16 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Faiança do século XVII com motivos pintados a azul de cobalto. 1 - taça com linha concêntrica, no interior sob o bordo e semicírculos concêntricos no exterior; 4 - prato com duas linhas concêntricas junto ao bordo seguidas de motivo vegetalista; 5 - prato com linha concêntrica no bordo; 6 - fundo de prato com espiral inserida em cartela pseudo-geométrica; 7 - fragmento de taça com motivo de “rendas”. Faiança sem decoração do século XVII-XVIII: 2 e 3 - pratos. Desenhos de Susana Duarte.



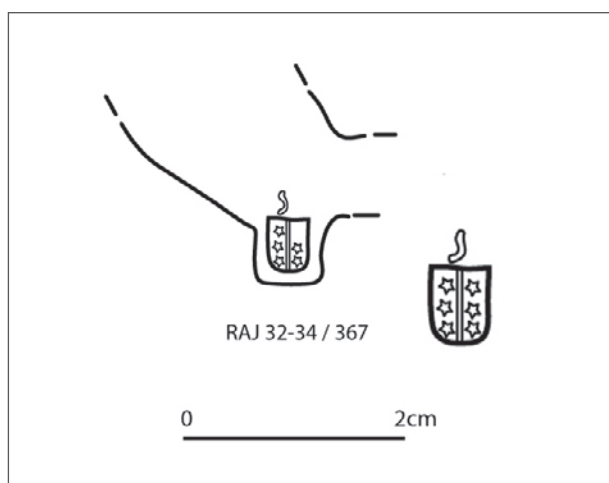


Fig. 17 - Rua Arronches Junqueiro, 32-34. Fragmento de fornilho de cachimbo com as armas da cidade de Gouda encimada pela letra S em ambos os lados do pedúnculo (cron. 1700-1755). Desenho de Susana Duarte.

na sua variante B. A elevada frequência desta ânfora explica-se facilmente, não só por estarmos em presença de exemplares fabricados muito provavelmente nas numerosas olarias do Baixo Sado (Mayet, Schmitt & Tavares da Silva, 1996) entre Tibério/Cláudio e o final do século II d.C., mas também por transportarem preparados de peixe produzidos abundantemente na mesma região e mesmo na Setúbal romana. Já os produtos importados em ânforas seriam muito raros: vinho do sul da Gália e preparados de peixe do litoral da Bética, produtos transportados respectivamente em ânforas Gaulesa 4 e Beltran II.

Estão ausentes do lote da RAJ 32-34 vestígios de ocupação do Baixo Império, da Alta Idade Média, da Época Islâmica (somente um fragmento com motivo reticular pintado, proveniente dos níveis superiores e datável do século XI-XII) e medievais cristãos, períodos já documentados no centro histórico de Setúbal, mormente na Colina de Santa Maria (Tavares da Silva *et al.*, 2014). Pensamos que esta ausência se terá ficado a dever à destruição dos respectivos horizontes estratigráficos quando da construção de edifícios a partir do século XVI, o que poderia ter levado à realização de desaterros. Com efeito, é a partir desse século que voltam a surgir vestígios da ocupação humana no local, os quais ocorrem nas Cs. 1 e 2 com cerâmicas quer portuguesas quer importadas de Sevilha.

## NOTAS

- 1 - Quadrícula com unidades de 1m de lado, designadas por letras maiúsculas (de oeste para este) e números árabes (de sul para norte).
- 2 - Já em outro local (Coelho-Soares, 2018) propusemos que, no Baixo Sado, a *terra sigillata* sudgálica não teria sofrido, a concorrência da *terra sigillata* hispânica, de modo acentuado, durante o período flaviano, ao contrário do que se verificou em outras regiões, particularmente em Mérida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arruda, A.M. (2002) – *Los Fenicios em Portugal* (Cuadernos de Arqueologia Mediterránea, 5-6). Barcelona: Laboratorio de Arqueologia Universidad Pampeu Fabre.
- Bourgeois, A.; Mayet, F. (1991) – *Belo VI. Les sigillées*. Madrid: Casa de Velázquez.
- Bustamante Alvarez, M (2013) – *La terra sigillata hispânica em Augusto Emerita*. Mérida: Instituto de Arqueologia.
- Calado, M.; Pimenta, J.; Fernandes, L.; Marcos, A. (2013) – Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16, p. 383-392.
- Coelho-Soares, A. (2018) – Terra sigillata. In C.Tavares da Silva (coord.), *Caetoberga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17), p. 111-118.
- Coelho-Soares, A.; Tavares da Silva, C. (2018) – Cerâmica comum romana. In C.Tavares da Silva (coord.) *Caetoberga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17), p. 143-160.

- Genin, M. (2007) – *La Graufesenque (Millau, Aveyron). Sigillées lisses et autres productions, II*. Éditions de la Fédération Aquitania.
- Mayet, F. (1975) – *Les céramiques a parfois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F. (1984) – *Les céramiques sigillées hispaniques*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2000) – *Le site phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et santuaire*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2016) – *Roman amphora production in the Lower Sado region*. In I. V. Pinto, R.R. Almeida, A. Martim (eds.), *Lusitanian amphore production and distribution*. Oxford: Archaeopress Publishing, Ltd., p.59-71.
- Mayet, F.; Schmitt, A.; Tavares da Silva, C. (1996) – *Les amphores du Sado (Portugal)*. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Silva, R. Banha da (2012) – *As marcas de oleiro na terra sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal. Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana. Setúbal, 1985* (Trabalhos de Arqueologia, 3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 87-101.
- Sousa, E. de; Pimenta, J. (2014) – *A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro*. In R. Morais, A. Fernández, M. J. Sousa (eds.), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*. Porto, vol. 1, p. 303- 316.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. M. (2014) – Preexistências de Setúbal. 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, nºs. 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa. Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*. 4, p. 161-214.
- Tavares da Silva, C. (2018a) - Intervenção arqueológica e sequências estratigráficas. In C. Tavares da Silva (coord.), *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Associação de Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 55-64.
- Tavares da Silva, C. (2018b) - Ocupação da Idade do Ferro. In C. Tavares da Silva (coord.), *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Associação de Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 65-79.
- Tavares da Silva, C. (2018c) - Ânforas romanas. In C. Tavares da Silva (coord.), *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica, 17). Associação de Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 161-174.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Beirão, C. M.; Ferrer Dias, L.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 149-218.